

CRIMINALIDADE VIOLENTA NA REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA

Maria Clélia Lustosa Costa¹
Fabiano Lucas Freitas²

Resumo

A RMF configura-se, no começo do século XXI, como espaço da riqueza e da miséria. O crescimento econômico verificado não foi acompanhado de distribuição de renda, sendo a desigualdade social uma de suas características. As mudanças socioeconômicas ampliaram o número de pessoas vulneráveis a exclusão e a violência. Este artigo visa analisar, com base nos dados de projeção populacional do IBGE e do DATASUS, a distribuição e evolução das taxas de criminalidade violenta na RMF no período de 1998 a 2004, destacando-se os aspectos gênero e faixa etária. A criminalidade que era maior na capital se espalha para outros municípios da RMF. Em 1998, Fortaleza tinha o maior índice de violência (19,60/100.000 hab). Em 2004, cai para o 4º lugar, sendo ultrapassado por Caucaia (34,41) e Maracanaú (34,73), municípios com mais de 100 mil habitantes e Itaitinga (31,44), com 31.107 habitantes, concentrador dos presídios do Ceará. A criminalidade violenta é maior nos municípios industrializados, com menores áreas, maior densidade populacional e PIB (Maracanaú, Eusébio e Pacatuba). A desigualdade também se expressa no gênero. A violência atinge mais de 15 vezes mais os homens do que as mulheres. Na década de 1990, a criminalidade se apresentava maior na faixa etária de 15 a 34 anos, no entanto, nos anos 2000, ocorreu um alargamento da criminalidade para outras faixas etárias.

Palavras chaves: violência; metrópole; desigualdade socioespacial.

¹ Professora UFC. E-mail: cleliallustosa@gmail.com

² Mestre em Geografia UFC. E-mail: geolucasufc@gmail.com

Introdução

A RMF configura-se, no começo do século XXI, como espaço da riqueza, da pobreza, da miséria, bem como da insegurança e violência. O crescimento econômico verificado no Estado não foi acompanhado de distribuição da renda, sendo a extrema desigualdade social uma das características da RMF.

Grandes transformações na ordem mundial, ocorridas no final do século XX tiveram repercussões significativas no Brasil. A globalização, a separação dos espaços de produção dos espaços de gestão e as inovações tecnológicas no sistema de comunicação reduziram o tempo e a distância, alterando as escolhas locacionais de empresas, que não necessitam mais da proximidade da matéria prima ou do mercado de consumo. Priorizaram-se os incentivos fiscais, a não sindicalização e o custo da mão de obra. Uma nova divisão do trabalho se estabeleceu entre os países produtores e detentores de tecnologia e os países emergentes, como o Brasil. A intensificação das trocas materiais e imateriais, e a alta competitividade comercial entre os setores e os lugares provocaram mudanças na política, economia e sociedade, imprimindo novas configurações espaciais. (AMORA e COSTA, 2008).

Esta nova divisão social e técnica do trabalho promoveu a redistribuição da população e das atividades no país. O Ceará passou por uma reestruturação socioeconômica. A decadência da agricultura tradicional, a inserção de novos produtos na pauta das exportações, o crescimento de alguns setores industriais e o desenvolvimento de atividades de turismo e lazer contribuíram sobremaneira para aumento do PIB estadual. Municípios da RMF, contando com apoio do governo estadual, atraíram empreendimentos de capital externo, ao apresentarem mais vantagens na guerra fiscal, pois além dos incentivos, disponibilizavam meios técnicos mais modernos e eficientes, fundamentais para o funcionamento de fábricas que têm o centro de comando em outros estados e um mercado consumidor em diferentes países. (AMORA e COSTA, 2008)

Este artigo visa analisar, com base nos dados de projeção populacional do IBGE e do DATASUS, a distribuição e evolução das taxas de criminalidade violenta na RMF no período de 1998 a 2004, destacando-se os aspectos gêneros e faixa etária.

Transformações recentes e desigualdades na RMF

No final do século XX, reduz-se a intervenção do governo federal e ocorre maior participação dos estados nas ações voltadas para o desenvolvimento econômico, com a ascensão à política de novos grupos pertencentes às elites locais. Na administração do Estado do Ceará, a partir de 1987, dominou o discurso modernizante do governador Tasso Jereissati e do grupo de empresários cearenses ligados ao Centro Industrial do Ceará (CIC) e à Federação das Indústrias do Ceará (FIEC), que assumiram o comando da política estadual. Os governantes que se sucederam e com forte influência no governo federal, atraíram investimentos públicos e privados para o Ceará e desenvolveram uma política econômica centrada em três eixos: indústria, turismo e agronegócio. (AMORA e COSTA, 2007).

O discurso modernizador, o marketing político, os grandes projetos turísticos, agrícolas, industriais e culturais, a implantação de infra-estrutura básica³ e a ousadia política colocaram o estado em evidência na mídia nacional. Os administradores investiram no sistema de circulação, principalmente nas vias de comunicação entre Fortaleza e as praias do litoral oeste (Rodovia do Sol Poente) e leste (CE-040), fundamentais para o fortalecimento da atividade turística, que atraiu grupos nacionais e internacionais para a construção de hotéis, resorts, condomínios fechados e parques aquáticos e temáticos.

O Ceará, que em 1980 tinha 53,15% do total de sua população vivendo nas cidades, atinge a taxa de urbanização de 76,95%, em 2009, para uma população estimada de 8.547.809 de habitantes. A crise da agricultura cearense, a concentração fundiária e as grandes secas em meados do século XX provocaram, mediante intenso processo migratório, um acentuado crescimento de Fortaleza, que responde pela macrocefalia da rede urbana cearense. No período de 1950-1960, a taxa de crescimento da capital foi de 90,5%, caindo nas décadas seguintes para 66,6 (1960-1970), 52,4 (1970-1980), 35,0 (1980-1990), até atingir a taxa de 21,14% na década de 1990-2000. A migração rural-urbana permanece, mas dirigindo-se para outros municípios, principalmente da região metropolitana, por oferecerem oportunidade de emprego nas indústrias e atividades turísticas. (COSTA, 2007)

³ Dentre esses projetos destacam-se: Porto do Pecém, Aeroporto Internacional Pinto Martins, METROFOR, Projeto SANEAR e rodovias estruturantes.

No final do século XX, o Ceará passou da imagem de semi-aridez, seca, miséria e migração a imagem de estado em desenvolvimento econômico com a expansão do setor industrial, o crescimento do agronegócio, de atividades turísticas e exportação de flores e frutas tropicais.

Em 2007, o PIB do Ceará era R\$ 50.331.383,00, sendo 70,24% gerado pelos serviços; 23,57% pela indústria; e apenas 6,19% pela agropecuária. O PIB per capita era de R\$ 6.149,00. O agronegócio representava 6,02% da economia, participando ativamente das exportações cearenses, sendo o porto do Pecém, no Ceará, o maior exportador de frutas do país. No setor secundário, o maior peso está nas indústrias de transformações, seguido por utilidade pública (energia, água, gás) e construção civil. Destaque para indústria têxtil, de calçados e extrativa mineral. O comércio e serviços representam mais de 70% da economia, englobando as atividades ligadas ao turismo (comércio, alojamento e alimentação).

A RMF, criada em 1973⁴, somente no final do século XX tornou-se uma realidade. Com a globalização, uma nova divisão social e técnica do trabalho promoveu a redistribuição da população e das atividades sociais e econômicas não só no país, mas também no Ceará.

Nas últimas décadas, políticas públicas induziram a implantação de indústrias, sedimentação de atividades terciárias e geração de fluxos que dinamizaram o espaço, promovendo à reorganização da RMF. Algumas atividades econômicas que se concentravam na Capital, se deslocam para outros municípios, que apresentavam vantagens competitivas. A RMF, na busca de alcançar um padrão de competitividade mais elevado, passa a efetivar consideráveis alterações na sua estrutura organizacional de produção e nas relações sociais de produção e trabalho que acarretam, sobretudo, modificações na sua dinâmica espacial. (AMORA e COSTA, 2007)

A expansão de Fortaleza ultrapassou seu território com a descentralização industrial, a construção de conjuntos habitacionais e o desenvolvimento de atividades de turismo e lazer em municípios metropolitanos, acompanhados de obras de infraestrutura, principalmente viária, e criação de serviços. Municípios, antes tipicamente

⁴ A RMF, criada em 1973 com cinco municípios (Aquiraz, Pacatuba, Caucaia, Maranguape e Fortaleza), conta atualmente com quinze, resultados de emancipações municipais e de inserções de outros municípios a malha metropolitana (Maracanaú, Pacajus, Horizonte, Eusébio, Itaitinga, Guaiúba, Chorozinho, São Gonçalo do Amarante, Cascavel e Pindoretama. Os dois últimos foram incorporados em junho de 2009. A população atingiu 3.655.259 habitantes, em 2009, ocupando uma área de 5.785,822 km².

rurais, urbanizaram-se, incrementando-se novas atividades terciárias e ampliando-se os fluxos que dinamizaram o espaço e levaram à reorganização das cidades.

Nos anos 1980, conjuntos habitacionais foram construídos em terrenos baratos e distantes, na direção do Distrito Industrial de Maracanaú (criado em 1964) e junto ao leito das linhas férreas – tronco Fortaleza-Maracanaú e tronco Fortaleza-Caucaia (Nova Metrópole, em Caucaia, Timbó e Jeireissatti em Maracanaú, etc.). Isto explica, dentre outras coisas, os níveis mais altos de integração com o município pólo e a intensificação do movimento pendular diário.

Fortaleza, em 2000, comandava a quarta maior região metropolitana, composta por treze municípios, e era a quarta maior cidade brasileira, em termos de população (2.984.689 habitantes). Nela estavam concentrados 53,4% da população urbana do Estado do Ceará, sendo a capital, responsável por 46,5% deste total. A supremacia da capital em detrimento de localidades próximas foi determinante na configuração de fluxos radiais em sua direção. A aparente perda de certas funções de Fortaleza reflete a ampliação de sua capacidade de comando, seletividade sócio-espacial e desconcentração de atividades para outros municípios. Para Pequeno (2009), na RMF, ocorreu um “processo combinado de desconcentração, expansão e adensamento” em torno de novas centralidades no território da metrópole, em virtude da implantação do complexo porto-industrial do Pecém, da criação de corredores de atividade industrial e da ocupação do litoral com atividades ligadas ao lazer e ao turismo.

Portanto, de acordo com Silva (2009), Fortaleza não perde a centralidade, mas “à medida que a metrópole se firma, ela une mais do que separa, abrindo possibilidades para a construção de uma grande comunidade em diferentes escalas, na discussão de problemas e soluções comuns, em busca da prática de uma solidariedade espacial adquirida”.

A concentração populacional na capital ainda é gritante. Fortaleza, em 2009, apresentava 2.505.552 habitantes, enquanto o segundo município em população, Caucaia, com 334.364 habitantes, apresentava a maior área (1.227,895 km²). Maracanaú, que conta com o primeiro distrito industrial, fora da capital, e vários conjuntos habitacionais, era o terceiro em população (201.693 habitantes). Com densidade populacional, em 2007, de 1861,33 hab/km², inferior apenas a de Fortaleza, Maracanaú apresentava-se como o segundo menor em área (98,6 km²). Só perdia para Eusébio que tem 78 km² de área, uma população de 38.189 habitantes e densidade de

497,96hab/km². Com a inserção de Pindoretama na RMF, em 2009, com 73 km², altera-se este ranking.

Incentivado por políticas públicas, além do Distrito Industrial em Maracanaú, posteriormente, empresas se instalaram em Horizonte, Caucaia, Pacatuba, Pacajús, São Gonçalo do Amarante, formando corredores industriais ao longo da BR-116 (Eusébio, Horizonte e Pacajús), da CE-040 (Maracanaú – Pacatuba), e da BR-222 (Caucaia - Porto do Pecém em S. Gonçalo do Amarante).

Das 500 maiores empresas brasileiras, quatro têm sede em Fortaleza, uma em Maracanaú e outra no Eusébio. Os maiores PIB's na RMF, depois de Fortaleza, estão em Maracanaú e Caucaia, seguidos por Eusébio, Horizonte, Maranguape e São Gonçalo do Amarante. A atividade industrial responde pelo crescimento econômico. Os maiores percentuais resultados da atividade industrial (PIB Industrial) em 2007, encontravam-se nos municípios de Eusébio (62,1%), Maracanaú (57,9%), Horizonte (57,6%) e Pacatuba (49,6%).

O dinamismo econômico explica a presença de um maior número de agências bancárias nos municípios de Maracanaú (7), Caucaia (4), Maranguape (4), Pacajus (3), Pacatuba (2) e São Gonçalo (2). Municípios que apresentaram os menores PIB's como Chorozinho, Guaiúba e Itaitinga, não contavam com agências bancárias.

Extensas periferias se formaram em Fortaleza e seu entorno, com transferência de população pobre principalmente para os municípios localizados ao sul e sudoeste da capital, onde se concentraram grandes conjuntos habitacionais e indústrias. Apesar das políticas públicas, a situação de pobreza, a precariedade e o déficit atingem os setores de infra-estrutura, equipamentos e serviços nas áreas do saneamento básico, habitação, saúde e educação, aumentando a vulnerabilidade social da área. (PEQUENO, 2006).

Além da população operária e de baixa renda, com a melhoria do sistema viário (Av. CE 040, CE-060, CE-065, CE 085, BR 116 e BR 222,), a classe média também se desloca para outros municípios da RMF em busca de amenidades, segurança, habitando antigas casas de veraneio, ou condomínios fechados (Eusébio, Aquiraz, Caucaia), no padrão dos dois Alphaville's, que se instalaram no Eusébio. No litoral, foram instalados equipamentos de lazer e turismo (casas de veraneio, resorts, hotéis, parques aquáticos, e outros), reforçando a integração da capital com os municípios de Aquiraz e Caucaia.

A construção do porto do Pecém (1995-2002) e a instalação de indústrias em São Gonçalo do Amarante, nos limites com Caucaia, provocaram grandes

transformações neste município que era eminentemente rural e conta com importante área litorânea. Em 2000, a taxa de urbanização era ainda baixa, 62%; e em 2007, as atividades agropecuárias respondiam por 14,9% e as industriais por 19,6% do PIB.

Pacajus, com taxa de urbanização de 77,8% e 43,5% do PIB, fruto de atividades industriais, destacava-se pela presença da agroindústria do caju.

Itaitinga, um dos municípios com menor área (150 ha) e população, apresenta uma forma alongada, acompanhando a BR-116. Concentra os presídios do Ceará (Instituto Penal Paulo Sarasate, Instituto Penal Feminino, Instituto Olavo Oliveira-II e três Casas de Privação), respondendo pela desvalorização da terra urbana pelo setor imobiliário.

Chorozinho, com o menor PIB da RMF apresentava a menor taxa de urbanização em 2000 - 50,6%. Ou seja, quase 50% da população sobrevivia da atividades primária. Como o município anterior, carente em infra-estrutura e serviços urbano, Guaiúba, distrito emancipado de Pacatuba, em 1991, situa-se no eixo sul de expansão industrial. Apresentava em 2000, taxa de urbanização de 78,5%, com 14, 2% do PIB resultando de atividades agropecuárias e 12,7% de atividades industriais, em 2007.

Além destes, dois últimos municípios foram integrados a RMF em junho de 2009, ampliando a região na direção do litoral leste - Pindoretama e Cascavel. Cascavel, com 84,4% da população urbana e 36,9% do PIB resultado da atividade industrial, destaca-se pela agroindústria do caju, as atividades de turismo e lazer no seu litoral e a grande feira semanal, aos sábados, espaço de integração e convivência das populações locais, não só a que vive da atividade rural, mas também os moradores urbanos, os veranistas e turistas, que a freqüentam. Pindoretama com área de 73 km² tinha, em 2007, tem mais de 60% da população na zona rural.

O incremento na economia na RMF não foi suficiente para mudar o quadro de miséria e reduzir as contradições sociais. A RMF, com uma área de 4.976,1 km², uma população total de 2.984.989 habitantes em 2000, apresentava uma densidade média de 599,8 hab/km². Esta população, contava com 805.133 famílias, distribuídas desigualmente em 700.635 domicílios particulares permanentes, sendo que destes 126.935 tinham apenas até três cômodos. Mais de um quarto das famílias, ou seja, 206.157 tinham renda mensal per capital de meio a um salário mínimo; e menos de 10%, ou seja, apenas 69.179, contavam com renda familiar acima de dez salários

mínimos. Destas famílias, mais de um quarto (209.758) tinham mulheres sem cônjuge como responsáveis. Estes dados econômicos e sociais revelam as condições de vulnerabilidade social em que vive grande parte da população da RMF.

As maiores taxas de pobreza, no ano de 2000, estavam nos municípios de Guaiúba, São Gonçalo do Amarante e Chorozinho e a menor em Fortaleza.

Criminalidade violenta na RMF

Como em outras regiões brasileiras, a violência na RMF tem aumentado com taxa bem superior ao crescimento populacional. Analisando a criminalidade violenta no contexto brasileiro, verificou-se que a RMF apresentou uma taxa média de 26,12 homicídios por 100 mil habitantes, entre 2000 e 2005, tornando-se a 15ª metrópole mais violenta do Brasil. No contexto regional, a RMF esteve entre as quatro mais violentas da região Nordeste, ficando abaixo apenas das regiões metropolitanas de Maceió (Alagoas) e Recife (Pernambuco) e do aglomerado Petrolina/Juazeiro (Pernambuco/Bahia).

A metrópole acumula não apenas riqueza, pessoas, infra-estrutura e empregos nos serviços, mas também a violência urbana. A RMF registrou 992 homicídios, em 2005, e somente o município de Fortaleza deteve 81,45% desses casos. Na região metropolitana, depois da capital, os municípios que apresentam as maiores taxas de homicídios são Maracanaú e Caucaia, justamente os que possuem as maiores populações.

Fortaleza não apresentava taxas elevadas de homicídios comparadas com outras capitais brasileiras, ocupando a 20ª posição no ranking de homicídios com uma taxa média 26,95 por 100.000 habitantes no período de 2000 a 2005. Todavia isso não significa que a situação não se mostre preocupante, notavelmente se levado em consideração a enorme concentração de renda, a quantidade de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza e/ou do mercado informal.

O crescimento da violência não é sentida da mesma forma por toda a população. Por exemplo, nas regiões mais ricas concentram-se os crimes contra o patrimônio, enquanto as áreas mais pobres e periféricas apresentam altos índices de crimes contra a pessoa. É nelas também que ocorrem as maiores taxas de homicídios.

No ano de 1998, a taxa de homicídio na RMF (17,21) era inferior à taxa registrada para Fortaleza (19,60). A taxa total de homicídio de 26,14/100 mil habitantes da RMF,

em 2004, ultrapassou a da capital que foi de 25,39/100 mil. Este fato demonstra que o acentuado processo de urbanização e a expansão da malha urbana foram acompanhados de problemas sociais nos municípios metropolitanos.

Quanto ao gênero, em 2004, o número de casos de homicídios masculino era, em média, 15 vezes maior do que em mulheres. A curva de homicídios femininos se mantinha baixa e estável, enquanto a masculina apresentava um crescimento acentuado.

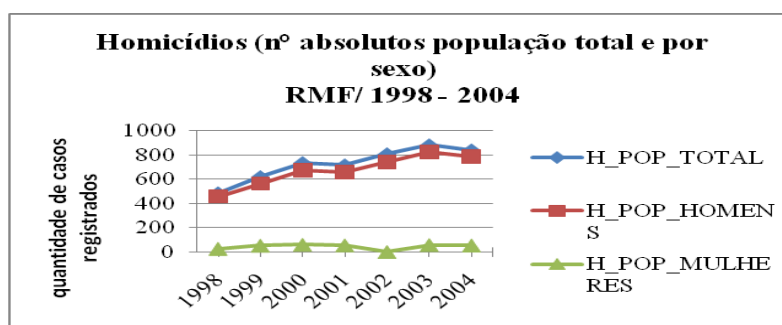
Em termos absolutos, o aumento foi gradativo, passando de 486 homicídios em 1998 para 884 em 2003. No entanto, houve queda no número absoluto de homicídios de 884, em 2003, para 842, em 2004.

Tabela 1: Nº absoluto e taxa média anual de homicídios relativa a pop. total e por sexo por 100 mil hab. para a RMF (1998-2004)

	1998		1999			2000			2001		2002		2003		2004
	bs.	axa	bs	axa	t	bs	axa	bs	axa	bs	axa	bs	axa	bs	axa
Tx_pop_t total	86	7,21	20	1,50	19	37	4,69	18	3,56	10	6,07	84	7,94	42	26,14
Tx_pop_ homens	59	4,15	65	1,16	4	75	7,50	61	5,57	44	0,28	24	4,68	86	1,23
Tx_pop_ mulheres	7	,82	4	,57	3	1	,90	7	,57		,00	0	,62	6	,32

Fonte: SIM/MS – 1998 - 2004

Gráfico 1: Distribuição da criminalidade violenta no espaço metropolitano



Os homicídios estão distribuídos desigualmente na RMF, concentrando-se principalmente nos municípios de Maracanaú, Caucaia, Pacatuba, Itaitinga e Eusébio,

enquanto Aquiraz e Guaiúba apresentam as menores taxas. Essa distribuição desigual dos homicídios parece acompanhar as diferenças econômicas e as desigualdades sócio-espaciais na RMF.

As taxas de criminalidade violenta na capital ficaram em 4º lugar, em 2004, variando de 19,60 a 25,39 por cem mil. A discrepância populacional na rede urbana do Estado do Ceará, implica na inexistência de cidades com mais de 500 mil habitantes.

Os municípios de Caucaia e Maracanaú, sedes de indústrias e vários conjuntos habitacionais, com populações superiores a 100 mil habitantes, apresentaram as maiores taxas de homicídios da RMF. No período de 1998-2004, estes municípios passaram de 14,39 e 13,63/100.000, para 34,73 e 34,41/100.000 respectivamente.

As taxas de homicídios foram ainda maiores no sexo masculino. Em **Caucaia**, município com a maior área da RMF, alto nível de integração na dinâmica da aglomeração, grande diversidade natural, econômica e social, presença de indústrias, de conjuntos habitacionais e um litoral com intensa atividade turística e de lazer, houve um crescimento gradativo da taxa de criminalidade entre os homens, passando de 29,22 em 1998, para 66,98 em 2004. Enquanto, em **Maracanaú**, principal distrito industrial do Ceará, com a segunda densidade populacional e o segundo PIB do Ceará, a taxa oscilou de 26,36, com 21 homicídios, em 1998, para 80,31, com 71 casos, em 2000. Depois deste pico, ocorreram quedas sucessivas até atingir em 2003 a taxa de 51,18, com 58 casos. Em 2004, há aumento na taxa para 67,81/100.000 habitantes. Único município com nível de integração muito alto na dinâmica da aglomeração.

Dentre os municípios com população entre e 50 e 100 mil, a menor taxa de criminalidade no período de 1998-2004 ocorreu em **Aquiraz**, variando de 4,63, com três homicídios em 2003, a 18,12/100 mil em 2004, ano em que houve doze homicídios. Apesar deste grande aumento, ainda ficou em 10º lugar na RMF. Este município, no litoral leste da RMF, se limita com Fortaleza, destacando-se como área de expansão de atividades extensão do lazer e turismo, e mais recentemente, de moradia para a classe média alta, apresentava baixo nível de integração em 2000. Com a inauguração da ponte sobre o Rio Cocó e a integração ao 4º anel viário, deverá haver ampliação da integração com a cidade pólo.

Maranguape, município com grande área rural (sertão e serra), com baixa integração, 4º em população, 10º em densidade populacional, 6º em PIB da RMF, 7º no

ranking da violência, teve variação no número absoluto de homicídios de sete (2001) para 22 (2004), com taxas entre 15,82 e 47,08 respectivamente.

Em Pacatuba, quarto em densidade populacional, situado no eixo de expansão industrial de Maracanaú, com quase 50% do PIB fruto da atividade industrial, a oscilação nas taxas de criminalidade foram maiores, partindo de números muito baixos - dois casos, em 1998, para 17, em 2003, com taxas variando de 8,88 a 61,78. Em 2004, estava em sexto lugar no ranking de homicídios da RMF, com o número de mortos caindo para treze e taxa de 46,09/100 mil habitantes. Apresentava alto índice de integração à cidade pólo.

Nos municípios com população menor do que 50 mil habitantes, as taxas de mortalidade oscilaram muito no período de 2001 e 2004 e o nível de integração variou de médio a baixo. Como a população é pequena, qualquer elevação no número absoluto de homicídios provoca grande aumento nas taxas.

Eusébio, município de grandes contradições sociais, cortado por duas rodovias (BR-116 e CE-020), tem vários condomínios fechados, é também sede de uma das 500 maiores empresas nacionais (M. Dias Branco) e de várias empresas prestadora de serviços, principalmente na área de segurança. Terceiro maior em densidade populacional, quarto maior PIB da RMF, com 62,1% do PIB resultado da atividade industrial (2007), em 1998 registrou apenas um homicídio, que equivaleu a uma taxa 6,91. Em 2004, ocorreram nove homicídios, atingindo a taxa de 25/100 mil habitantes, a 5ª maior da RMF.

Horizonte, antigo distrito de Pacajus, emancipado em 1987, era voltado para agroindústria do caju. Nos anos 1990, teve um rápido processo de industrialização, resultado de políticas públicas, alcançando o 5º PIB da RMF, sendo 57,6% resultado da atividade industrial. O número de homicídios variou de 3 a 11 casos, sendo os maiores números absolutos em 1999, com dez, e 2000, com onze mortes, atingindo as taxas 36 e 32,6/100 mil hab., respectivamente. Após houve uma queda para 10,80, com 5 mortes em 2002 e depois voltou a elevar-se para 17,47/100mil hab., em 2004, com sete homicídios.

Itaitinga, com uma das menores áreas (150 km²), de forma alongada, acompanhando a BR-116, concentra os presídios do Ceará. Apresentou grande oscilação nas taxas de homicídios, de zero, em 1998, a dez homicídios em 2004, atingindo uma taxa 31,44/100 mil hab. Em 1999 ocorreram sete casos, com taxa de 24,7; oito em 2000,

Criminalidade violenta na região metropolitana de fortaleza

Maria Clélia Lustosa Costa; Fabiano Lucas Freitas

com taxa de 27,4; quatro em 2001, com taxa de 13,3; sete em 2002, com taxa de 22,90; três em 2003 com taxa de 9,62; e em 2004 alcançou a maior taxa de 31,44/100 mil hab., com dez homicídios.

Pacajus, com taxa de urbanização de 77,8% e 43,5% do PIB, fruto de atividades industriais, principalmente a agroindústria do caju, apresentou muita oscilação, variando de quatro a quinze homicídios, nos anos de 1998 a 2003, com taxas de 10,24 e 31,35/100 mil hab., respectivamente. Em 2004 a taxa caiu para 26,31/100 mil hab., com oito mortes.

São Gonçalo do Amarante, município litorâneo e eminentemente rural, passou por mudanças profundas com a construção do porto do Pecém (1995-2002). Em 2000, a taxa de urbanização de 62% era baixa em relação aos outros municípios da RMF. No período de 1998-2002, a criminalidade violenta variou de um a nove homicídios. No ano da inauguração do porto, em 2002, alcançou a maior taxa de homicídios - 24,4/100 mil hab. Em 2003, o número de homicídios reduz para um, equivalente a taxa de 5,17, e em 2004 sobe para oito, atingindo a taxa 40,65/100 mil hab..

Em Guaiúba, antigo distrito de Pacatuba, emancipado em 1987, uma das menores densidade e um dos piores PIB/capita da RMF (12º lugar) teve uma das menores taxas de criminalidade violenta da RMF, não registrando homicídios em 1998, 2000 e 2004. O maior número de casos ocorreu em 2004, com quatro mortes atingindo a taxa de 19,42/100 mil hab.

Em Chorozinho, município predominantemente rural, baixa integração a metrópole, menor PIB/capita e taxa de urbanização de 50,6%, em 2000, em termos absolutos, teve uma variação de zero a quatro mortes por ano. Nos anos de 1999 e 2002 não ocorreram homicídios. Nos outros anos as taxas variaram de 24,49, em 1998 a 39,96, em 2003, havendo uma queda para 29,52 em 2004.

Criminalidade violenta por faixa etária por município

Nas grandes metrópoles brasileiras, os homicídios junto com os acidentes de transporte são as principais causas de morte no capítulo das causas externas⁵ da Organização Mundial de Saúde. Os homicídios afetam fundamentalmente homens

⁵ De acordo com a classificação da Organização Mundial de Saúde as causas externas de mortalidade são os homicídios, acidentes de trânsito que resultem em morte, suicídios, quedas acidentais, afogamentos, etc (WAISELFISZ, 2002).

jovens, chegando a ser a primeira causa de mortalidade geral nas idades entre 15 e 24 anos. (WAISELFISZ, 2002).

No caso específico da RMF, as taxas de homicídios afetam fundamentalmente os homens jovens, embora exista um alargamento da criminalidade para outras faixas etárias como os dados demonstram. No ano de **1998**, verificou-se que os homicídios se concentravam majoritariamente na faixa etária de 15 a 34 anos. Desagregando esses dados obtêm-se uma taxa de 32,74 para 15 a 24 anos e 30,28 para faixa de 25 a 34 anos. Foram registradas baixas taxas de homicídios nas faixas etárias com idade inferior a 15 anos. A partir dos 35 anos, existe uma queda nas taxas de homicídios, sendo ainda preocupante para a faixa de 35 a 44 com valor de 23,58. O município que apresentou a maior taxa de homicídio para a faixa etária de 15 a 24 anos foi Fortaleza (37,10), seguido de Maranguape (29,88) e Caucaia (26,48). São Gonçalo do Amarante, Guaiúba, Itaitinga e Chorozinho registram taxas zero para faixa etária de 15 a 24 anos. Já para a faixa etária de 25 a 34 anos de idade as maiores taxas foram registradas em Horizonte (46,85), Chorozinho (41,44) e Fortaleza (33,98). Foram verificadas taxas zero para Eusébio, Guaiuba, Itaitinga, Pacatuba e São Gonçalo do Amarante na faixa etária de 25 a 34 anos. Em Chorozinho a maior taxa de homicídio foi registrada na faixa etária de 45 a 54 anos (97,37).

Em **1999**, a faixa etária de 15 a 24 anos apresentou a maior taxa de homicídio (36,11); a faixa etária de 25 a 34 anos teve uma taxa de 33,23 e a de 35 a 44 anos a taxa de 33,03. Uma diminuição expressiva só foi constada nas faixas etárias seguintes. Na idade de 15 e 24 anos os municípios que apresentaram as maiores taxas foram Maracanaú (78,09), Horizonte (51,28) e Pacatuba (44,06). Enquanto na faixa etária de 25 a 34 anos, Horizonte se destacou acima da média com uma taxa de homicídio da ordem de 113,95, seguido de Eusébio (63,64) e Itaitinga (45,03). Horizonte e Pacatuba apresentaram as maiores taxas de homicídios na faixa etária de 55 a 64 anos, com 116,96 e 167,50, respectivamente.

No ano de **2000**, a taxa de homicídio para a faixa etária de 15 a 24 anos foi de 48,10 e na de 25 a 34 anos a taxa foi 38,19. A taxa manteve-se elevada na faixa etária de 35 a 44 (30,48) e de 45 a 54 anos (24,64). No ano de 2000, na faixa etária de 15 a 24 anos, apresentaram preocupante taxas os municípios de Maracanaú (98,24), Pacajus (93,24) e Pacatuba (57,31). Na faixa etária de 25 a 34, as maiores taxas foram registradas em Horizonte (71,49), Maranguape (66,41), e Maracanaú (59,9). O dado

mais expressivo foi observado em Horizonte na faixa etária de 35 a 44 (140,57). Em Pacatuba a maior taxa de homicídio foi registrada na faixa etária de 55 a 64 anos (95,56).

No ano de **2001** a maior taxa de homicídio na RMF foi registrada na faixa de 25 a 34 anos (27,19). Na faixa etária de 15 a 24 anos a taxa de homicídio ficou em 25,52. Percebe-se uma queda mais acentuada nas outras faixas etárias se comparada com os anos anteriores. Na faixa etária de 15 a 24 anos as maiores taxas foram registradas em Maracanaú (74,05), Fortaleza (46,82) e Caucaia (45,60). Na faixa etária de 25 a 34 destaca-se novamente Maracanaú (51,80), seguido de Pacatuba (46,07) e Caucaia (40,28). Na faixa etária de 35 a 44 anos, o município que apresentou a maior taxa foi Itaitinga com 42,58. As maiores taxas de homicídios na população acima de 65 anos e mais foram encontradas em Eusébio (70,72) e São Gonçalo do Amarante (102,99).

No ano de **2002**, a faixa etária de 25 a 34 apresentou a maior taxa de homicídio na RMF (47,90), seguida pela faixa de 15 a 24 (45,98). Como se verificou nos anos anteriores há um decréscimo nas taxas de homicídios para as faixas etárias seguintes. No ano de 2002, Fortaleza volta a se destacar no contexto da criminalidade violenta na RMF com uma taxa de homicídio de 52,85, seguido de Pacatuba (43,99) e Caucaia (37,94). Na faixa etária de 25 a 34 anos, se destacaram Maracanaú (54,46), Fortaleza (53,36) e Itaitinga (40,97). Novamente Eusébio (65,02) e São Gonçalo do Amarante (85,51) apresentaram as maiores taxas de homicídios na faixa de mais de 65 anos e mais.

No ano de **2003**, novamente a maior taxa de homicídio foi registrada na faixa etária de 25 a 34 anos (48,66), seguida pela faixa de 15 a 24 anos (45,23). As seguintes apresentam queda para 33,61 na faixa etária de 35 e 44 anos; e de 32,81 na faixa etária de 45 a 54. Cai ainda mais na faixa etária de mais de 65 anos (16,15). As maiores taxas de homicídio na faixa etária de 15 a 24 anos foram registradas em Pacatuba (61,59), Caucaia (52,40), Pacajus (50,27) e Fortaleza (48,43). Na faixa etária de 25 a 34 anos destacam-se Chorozinho (102,63), Pacajus (78,48) e Caucaia (68,21). Não se verificou taxa discrepante nas outras faixas etárias.

Em **2004**, a faixa etária que apresentou a maior taxa de homicídio foi a de 15 a 24 anos (46,81), enquanto a faixa etária de 25 a 34 anos obteve uma taxa de 43,30. Para as faixas etárias seguintes pode-se dizer que houve uma queda mais acentuada nas taxas de homicídios. As maiores taxas foram verificadas na faixa etária de 15 a 24 anos em

Pacatuba (77,25), Horizonte (70,60) e Maracanaú (68,88). Enquanto na faixa etária de 25 a 34 anos, as maiores taxas foram registradas em Maranguape (88,33), São Gonçalo do Amarante (71,80) e Caucaia (57,95). No Eusébio foi encontrada a maior taxa de homicídio na faixa etária de 55 a 64 anos (56,34). Itaitinga (87,34) e São Gonçalo do Amarante (99,70) apresentaram as maiores taxas de homicídios na faixa etária de 35 a 44 anos

Considerações Finais

A criminalidade violenta, particularmente os homicídios, não incide homogeneamente sobre todos os espaços das metrópoles brasileiras. Ela parece acompanhar as desigualdades sociais intraurbanas. O período de 1998 a 2004 apresentou um aumento nos índices de violência e da criminalidade na RMF. Dentre os muitos aspectos da violência urbana, destaca-se a distribuição desigual da criminalidade violenta, concentrando-se fundamentalmente nas áreas de populações menos privilegiadas.

A criminalidade que era maior na capital se espalha para outros municípios da RMF. Fortaleza, que até 1998 tinha o maior índice de criminalidade violenta (19,60/100.000 hab), em 2004, passa para o 4º lugar, perdendo para municípios com mais de 100 mil habitantes como Caucaia (34,41) e Maracanaú (34,73); e Itaitinga (31,44), com 31.107 habitantes, que se caracteriza por concentrar os presídios do Ceará. Este município de forma alongada, acompanhando a BR-116, tem uma das menores áreas (150 km²).

A criminalidade violenta é maior nos municípios industrializados, com menores áreas, maior densidade populacional e PIB, como Maracanaú, Eusébio e Pacatuba. A desigualdade também se expressa quanto ao gênero. A violência atinge mais de 15 vezes os homens do que as mulheres.

Como informa a literatura, as maiores taxas de homicídios são registradas no gênero masculino na faixa etária de 15 a 24 anos. Contudo, quando se analisa a RMF tal procedimento deve ser relativizado diante da grande heterogeneidade dos municípios integrantes. Verifica-se que as maiores taxas de homicídios são encontradas na faixa etária de 15 a 24 anos e de 25 a 34 anos, correspondendo a um alargamento da criminalidade violenta para outras faixas etárias. Percebe-se que nos municípios com grande população, caso de Caucaia, Fortaleza e Maracanaú, as taxas de homicídios se concentram geralmente na faixa etária de 15 a 34 anos. Maior oscilação para o

município de Caucaia, onde em alguns anos as taxas de homicídios são expressivas na faixa etária de 35 a 44 anos. Alguns municípios, por exemplo, têm experimentado taxas de homicídios elevadas para faixas etárias de 35 anos em diante como é caso de São Gonçalo do Amarante, Eusébio, Chorozinho e Itaitinga.

Bibliografia:

AMORA, Zenilde Baima, COSTA, Maria Clélia L. Olhando o mar do Sertão: a lógica das cidades médias no Ceará. In: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. Cidades médias: espaços em transição. S. Paulo: UNESP - Expressão Popular, 2007.

COSTA, Maria Clélia L. - Arranjo familiar e vulnerabilidade na RMF In: COSTA, M. Clélia L. e DANTAS, Eustógio. (org.) "Vulnerabilidade Socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

COSTA, Maria Clélia L. - Expansão Urbana e organização do espaço em Fortaleza. In: SILVA, J. B. et al. Ceará: Um novo olhar geográfico. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2ª e.d., 2007.

DATASUS. Disponível em: <<http://w3.datasus.gov.br/datasus/datasus.php>> acesso em: novembro de 2009.

_____. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defctohtm.exe?idb2008/c09.def>. Acesso em: 10 junho de 2010.

FREITAS, Fabiano Lucas da S. e COSTA, M. C.– Violência, vulnerabilidade e desigualdade socioespacial na RMF. In: COSTA, M. Clélia L. e DANTAS, Eustógio (org.) "Vulnerabilidade Socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza - Fortaleza: 2009.

PEQUENO, Renato. Como anda Fortaleza. Rio de Janeiro: IPPUR/Ministério das Cidades (no prelo), 2009

VIEIRA, Sara Rosa e COSTA, M.C. – Banco de dados de vulnerabilidade sócio ambiental da RMF. In: COSTA, M. Clélia L. e DANTAS, Eustógio. (org.) "Vulnerabilidade Socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza - Fortaleza: Edições UFC, 2009.

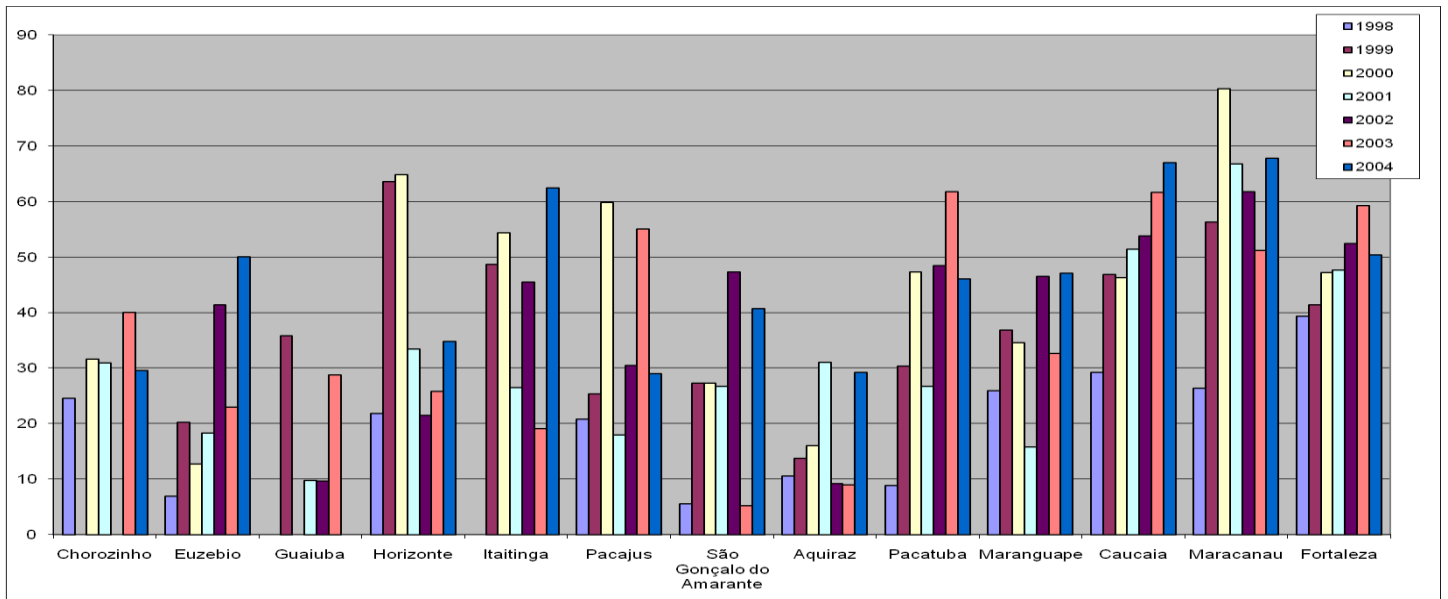
WASELFIJ, Julio Jacobo. **Mapa da violência no Brasil IV: os jovens no Brasil**. Ed: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH, 2002.

Tabela 2: Taxa de homicídios (por 100 mil hab.) referentes à pop. masculina distribuída pelo tamanho da população

Municípios pertencentes à RMF		Óbitos por município de residência – 1998/2004						
Ano		1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Municípios com população menor que 50.000 habitantes	Chorozinho	24,49	-	31,57	30,91	-	39,96	29,52
	Euzebio	6,91	20,16	12,71	18,27	41,41	22,92	50,03
	Guaiuba	-	35,74	-	9,78	9,68	28,73	-
	Horizonte	21,79	63,6	64,8	33,46	21,48	25,81	34,77
	Itaitinga	-	48,68	54,35	26,47	45,46	19,1	62,41
	Pacajus	20,75	25,34	59,79	17,9	30,41	55,07	28,93
	S. G. Amarante	5,58	27,25	27,24	26,72	47,27	5,17	40,65
População entre 50 mil e 100mil hab.	Aquiraz	10,51	13,69	16	31,04	9,15	8,95	29,22
	Pacatuba	8,88	30,36	47,34	26,64	48,46	61,78	46,09
	Maranguape	25,88	36,78	34,52	15,82	46,51	32,65	47,08
População acima de 100mil hab.	Caucaia	29,22	46,79	46,23	51,43	53,73	61,65	66,98
	Maracanaú	26,36	56,27	80,31	66,72	61,71	51,18	67,81
População acima de 1 milhão hab.	Fortaleza	39,31	41,38	47,19	47,65	52,46	59,19	50,33

Fonte: SIM/MS – 1998 - 2004

Gráfico 2 : Taxa de homicídios (por 100 mil hab.) referentes à pop. masculina distribuída pelo tamanho da população na RMF (óbitos por município de residência) 1998/2004



Fonte: SIM/MS – 1998 – 2004